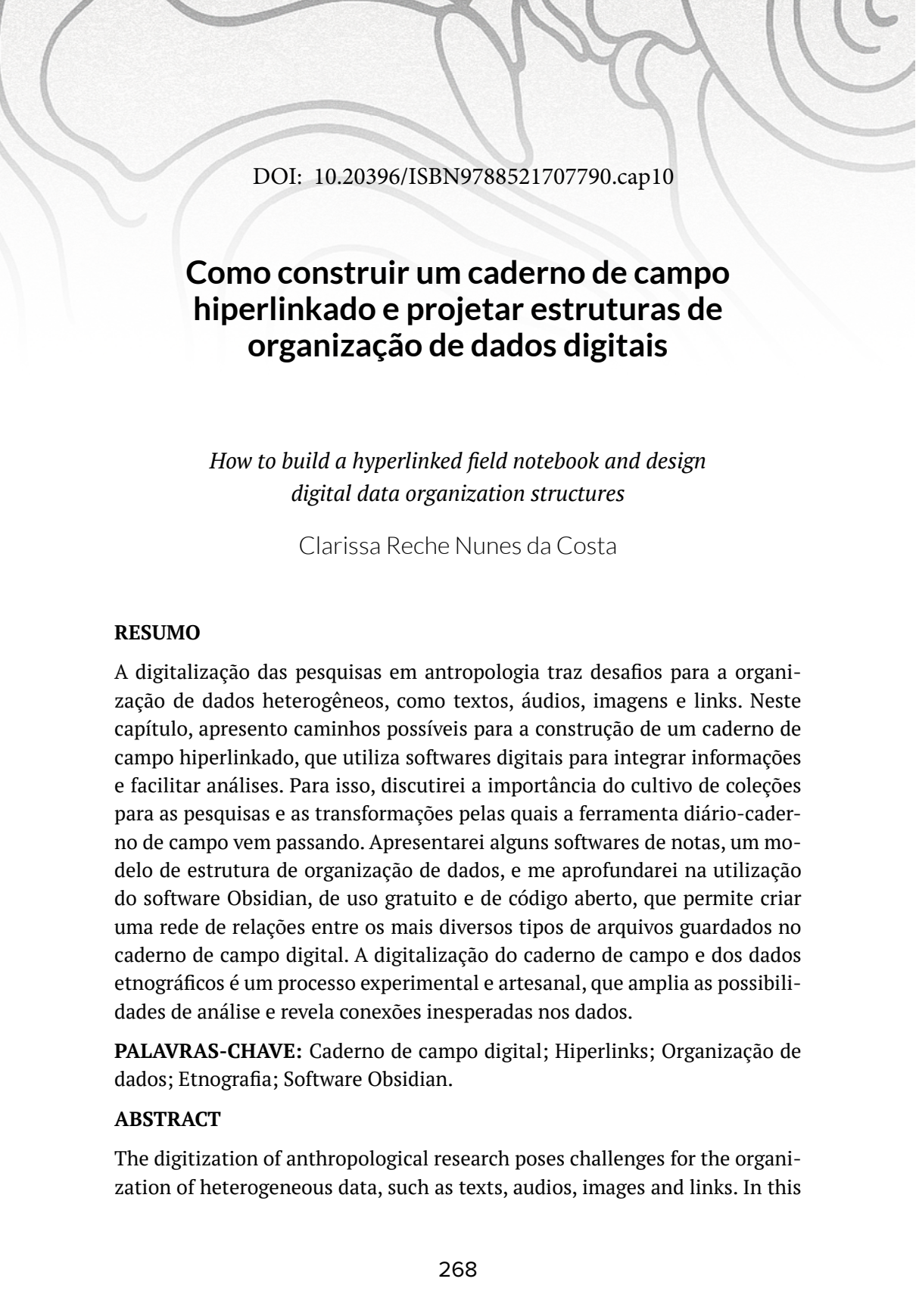




DOI: 10.20396/ISBN9788521707790.cap10

Como construir um caderno de campo hiperlinkado e projetar estruturas de organização de dados digitais

How to build a hyperlinked field notebook and design digital data organization structures

Clarissa Reche Nunes da Costa

RESUMO

A digitalização das pesquisas em antropologia traz desafios para a organização de dados heterogêneos, como textos, áudios, imagens e links. Neste capítulo, apresento caminhos possíveis para a construção de um caderno de campo hiperlinkado, que utiliza softwares digitais para integrar informações e facilitar análises. Para isso, discutirei a importância do cultivo de coleções para as pesquisas e as transformações pelas quais a ferramenta diário-caderno de campo vem passando. Apresentarei alguns softwares de notas, um modelo de estrutura de organização de dados, e me aprofundarei na utilização do software Obsidian, de uso gratuito e de código aberto, que permite criar uma rede de relações entre os mais diversos tipos de arquivos guardados no caderno de campo digital. A digitalização do caderno de campo e dos dados etnográficos é um processo experimental e artesanal, que amplia as possibilidades de análise e revela conexões inesperadas nos dados.

PALAVRAS-CHAVE: Caderno de campo digital; Hiperlinks; Organização de dados; Etnografia; Software Obsidian.

ABSTRACT

The digitization of anthropological research poses challenges for the organization of heterogeneous data, such as texts, audios, images and links. In this

chapter, I present possible ways to build a hyperlinked field notebook that uses digital software to integrate information and facilitate analysis. To do this, I will discuss the importance of cultivating collections for research and the transformations that the field diary-book tool has undergone. I'll present some note-taking software, a model data organization structure, and I'll delve into the use of Obsidian software, which is free and open source and allows you to create a network of relationships between the most diverse types of files stored in the digital field notebook. Digitizing the field notebook and ethnographic data is an experimental and artisanal process, which expands the possibilities for analysis and reveals unexpected connections in the data.

KEYWORDS: Digital field notebook; Hyperlinks; Data organization; Ethnography; Obsidian software.

A pesquisa qualitativa, em antropologia, ciências humanas e outras áreas, demanda a organização, sistematização e análise de materiais heterogêneos, que hoje passam a incluir uma série de links, *prints*, PDFs, etc. Neste capítulo, apresentarei alguns caminhos possíveis para a construção e manutenção de um “caderno de campo hiperlinkado”, ou seja, um caderno de campo digital. Para isso, discutirei a importância do cultivo de coleções para as pesquisas e as transformações pelas quais a ferramenta diário-caderno de campo vem passando. Apresentarei alguns softwares de notas, um modelo de estrutura de organização de dados, e me aprofundarei na utilização do software Obsidian, de uso gratuito e de código aberto, que permite criar uma rede de relações entre os mais diversos tipos de arquivos guardados no caderno de campo digital.

Hoje, tenho mais de uma década de pesquisa guardada em forma de memória eletrônica, que no fim das contas é “só” energia elétrica estocada. Tudo isso é muito frágil. Não gosto nem de pensar em todos os *bits* que já perdi. Alguns deles foram bem dramáticos – um HD (*hard disk*) que parou de funcionar, um notebook que nunca mais ligou. Mas, na maioria das vezes, eu simplesmente não sei onde exatamente está aquele arquivo que preciso tanto (tanto!) mas deixei em alguma pas-

ta dentro de outra pasta (será que no meu computador, será que no *Drive*?). Também me incomoda pensar que muitas das coisas que produzi ganhando bolsa, dinheiro público, estão guardadas em um banco de dados privado, o *Google Drive*. E não só eu, mas grande parte da produção de pessoas que pesquisam nas universidades públicas. Enfim, esse é um problema que estamos apenas começando a enfrentar, e que pode trazer questões bem interessantes para o modo como nos relacionamos com nossas pesquisas.

Escrevo este capítulo no final do primeiro quarto do século XXI. Faz um pouco mais de uma década que entrei na graduação em Ciências Sociais,¹ e foi lá que recebi meu primeiro e mais fundamental treinamento como pesquisadora. Lembro que no final da graduação tinha uma pilha de papéis num canto da minha sala. Eram os textos para as disciplinas, que conseguíamos indo no “xerox” e pedindo uma cópia do livro copiado que estava lá. Os xerox faziam o trabalho de escanear os livros que os professores pediam, e deixavam as cópias lá. Sei que isso ainda acontece, mas numa escala muito menor do que quando entrei na graduação. Pude ver isso acontecendo “ao vivo”. No final da graduação, já era comum recebermos um link para o *Moodle* (ou no *Google Drive*) com uma pasta cheia de PDF.

Durante a graduação, vivi um momento de transição. A digitalização das pesquisas estava tomando corpo. E por digitalização não estou falando somente de utilizar dados produzidos na internet, mas de um processo mais profundo de substituição digital de livros, textos impressos, cadernos escritos à mão, enfim, da transformação da própria materialidade da pesquisa. O ano de 2017 foi um marco nesse processo. Foi durante esse ano que, na Universidade de São Paulo, ocorreu a migração de todos os e-mails do servidor próprio da universidade para os servidores da multinacional *Google*.² Esse processo já estava

1 Cursei bacharelado em Ciências Sociais na Universidade de São Paulo entre os anos de 2013 e 2019.

2 Disponível em: <https://adusp.org.br/conflito-de-interesses/google-presenteia-usp-comunidade-desconfia-2/>. Acesso em: 10 jan. 2025.

acontecendo em outras universidades, como a Universidade Estadual de Campinas, que assinou o convênio com a *Google* em 2016.³ Me lembro dos sentimentos mistos de animação e desconfiança quando descobri que todos teriam um *Google Drive* “infinito”. Pensei em aproveitar enquanto dava, porque sabia que não ia ser para sempre, o que de fato aconteceu a partir de 2022⁴ com a limitação da quantidade de armazenamento disponibilizado em todas as universidades conveniadas.

Foi também mais para o fim da graduação que comecei a ouvir professores comentando sobre softwares para ajudar a organizar a pesquisa. O principal deles era o *Zotero*,⁵ um software livre e de código aberto para a gestão de referências, que ajuda a organizar as bibliografias, criando uma espécie de biblioteca virtual. O *Zotero* também cria citações automáticas nos diferentes padrões internacionais, o que é bem prático para quem precisa, por exemplo, adaptar as referências e citações de um padrão para outro. Tive algumas (pouquíssimas) aulas de programação em R⁶ para criação de estatísticas e análise de dados na disciplina de métodos quantitativos, e ouvi de raspão sobre alguns softwares de análise de dados qualitativos, todos proprietários e pagos, como o *NVivo*⁷ e o *Atlas.ti*.⁸

Conforme fui avançando na graduação, me aproximei mais das disciplinas de antropologia. Nas aulas de metodologia de pesquisa, aprendi a coletar, registrar e analisar dados etnográficos de maneira quase que completamente manual. Os cadernos de campo que pro-

3 Disponível em: <https://lavits.org/comunidade-academica-pede-transparencia-sobre-parceria-entre-google-e-unicamp/>. Acesso em: 10 jan. 2025.

4 Disponível em: <https://adusp.org.br/universidade/google-ilimitado>. Acesso em: 10 jan. 2025.

5 Saiba mais em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Zotero>, e <https://www.zotero.org>. Acesso em: 10 jan. 2025.

6 Saiba mais em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/R_\(linguagem_de_programa%C3%A7%C3%A3o\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/R_(linguagem_de_programa%C3%A7%C3%A3o)); Acesso em: 10 jan. 2025.

7 Saiba mais em: <https://en.wikipedia.org/wiki/NVivo> e <https://lumivero.com/products/nvivo/>. Acesso em: 10 jan. 2025.

8 Saiba mais em: <https://en.wikipedia.org/wiki/ATLAS.ti> e <https://atlasti.com>. Acesso em: 10 jan. 2025.

duzi eram físicos, e a análise, baseada na observação de constâncias e dissonâncias e na posterior criação de categorias, era feita com auxílio de canetas marcadoras coloridas. Alguns dados que produzi eram digitais, como fotografias, vídeos e áudios, a maioria feitos com meu celular. Também mantinha arquivos digitais caóticos cheios de links e outras coisas que encontrava na internet. Mas o fundamental da análise foi feito manualmente. A exceção foi a última disciplina que cursei na graduação, chamada Antropologia e Computação, com o professor Marcio Ferreira da Silva. Nela, aprendemos a usar o *Pajek*,⁹ um software aberto e gratuito, bastante *underground* e pouco intuitivo, focado em criar grafos para visualização de redes de relações, em especial redes de relações sociais como, por exemplo, redes de parentesco.

Acredito que essa experiência de se debruçar sobre um caderno físico, de usar canetas coloridas, *post-its*, papéis, tudo isso é muito importante, satisfatório e realmente pedagógico, algo que como estudantes de graduação precisamos passar. Porém, hoje não é mais possível parar por aí. Não me lembro de ter tido na graduação, por exemplo, nenhuma orientação ou treinamento em atividades digitais básicas como a tabulação de dados utilizando planilhas, ou a utilização de recursos digitais para a transcrição de entrevistas. Além disso, a organização de materiais muito heterogêneos, físicos e digitais, que permita guardar, recuperar, manusear e analisar os dados etnográficos produzidos é um problema bastante concreto e que permeia o dia a dia de quem pesquisa, impactando diretamente no fluxo de trabalho.

Além de ser um problema prático, a organização dos dados de pesquisa (etnográfica ou não) também é um problema teórico-conceitual que me instiga muito. Seja com materiais físicos ou digitais (ou os dois ao mesmo tempo!), esse problema sempre existiu. Strathern (2014, p. 347) afirma que produzir, guardar e analisar nossos dados etnográficos torna-se um ato de “encontrar o que não foi procurado”.

9

Saiba mais em: <http://mrvar.fdv.uni-lj.si/pajek/>. Acesso em: 10 jan. 2025.

É inegável que a digitalização das pesquisas ampliou ainda mais a diversidade de materiais com os quais podemos trabalhar, e o que podemos fazer com esses materiais. O que me move nesta espécie de para-pesquisa sobre organização do conhecimento, em especial organização de dados etnográficos digitais, é um desejo ainda meio sem nome e sem rumo de praticar um artesanato digital, e uma avidez por experienciar as possibilidades de “esfregações” criativas (Didi-Huberman, 2015) dos dados que, por enquanto, meu caderno de campo hiperlinkado tem me convidado a viver.

FAZER PESQUISA É CULTIVAR COLEÇÕES

“Fazer pesquisa é criar uma coleção”. Ouvi essa frase da antropóloga Joana Cabral. Ela contou que tinha ouvido isso de sua orientadora no doutorado, Dominique Gallois, também antropóloga. Com um suspiro de lamento e nostalgia, Joana completou o pensamento com um “se eu soubesse disso antes...”. Quando ouvi isso, fui jogada imediatamente para minha infância. Eu fui uma criança que colecionava coisas. Muitas crianças têm esse momento. Das muitas coisas que tentei colecionar, o que realmente mexeu comigo foram as pedrinhas. Era um outro tempo-espço. Era lá para o meio da década de 1990, não tínhamos computador em casa. Hoje quase em extinção, as bancas de jornais distribuíam também toda sorte de fascículos colecionáveis. Eram cacarecos – miniaturas de carrinhos, de dinossauros, talheres, bonequinhos de times de futebol, enfim, um mundo de coisas, e no meu caso eram pedrinhas –, e junto com os cacarecos vinha um encarte com informações – ao completar a coleção os encartes podiam ser encadernados, virando uma enciclopédia. Todo mês eu ia buscar o fascículo na banca de jornal e descobrir qual pedra nova tinha chegado na coleção.

Aquela fala da Joana me levou para um dos momentos de maior prazer que lembro que tinha quando era criança: o momento de (re)organizar minha coleção de pedrinhas. Assim que chegava uma pedra nova, e em alguns outros momentos também, eu tirava do armá-

rio os estojos de acrílico em que elas estavam guardadas e o fichário com os fascículos. Sentada no chão, tirava cada pedra de dentro dos estojos e espalhava elas ao redor de mim. E ficava ali, pensando. Pensava em como aquela nova pedrinha mudava a paisagem geral que as pedras já formavam. Pensava com quem ela fazia parzinho. Pensava com quem ela não se daria bem. E ficava muito tempo nessas, até pensar em uma nova organização para as pedras. Daí, experimentava essa organização nova. Tinha vezes que era por cor, por tamanho, por textura. Tinha vezes que eu consultava os fascículos para tentar encontrar alguma outra informação que pudesse ajudar no processo – a composição química, o lugar geográfico da onde elas vieram...

Pesquisar é criar coleção. Durante o doutorado em Ciências Sociais, na Universidade Estadual de Campinas, cursei uma disciplina sobre coleções e curadoria com a professora Fabiana Bruno, e um dos primeiros textos que lemos foi um conto-ensaio curto de Italo Calvino (2010) intitulado *Coleção de areia*. Esse conto descreve bem o tipo de trabalho e encanto que coleções precisam para existir, e que produzem a partir de suas existências. Acompanhamos a visita do narrador a uma exposição de uma coleção de areias aprisionadas em ampolas de vidro. O primeiro movimento que acontece é uma captura operada pelas amostras que mais se destacam dentro da monotonia da maioria das ampolas, que parecem iguais. Mas é o movimento seguinte que revela a fascinação da coleção.

A homogeneidade entediante das areias começa aos poucos a ser perturbada, a partir de uma exigência de atenção das areias às diferenças mínimas entre elas. Assim, pouco a pouco, o narrador entra em uma outra dimensão, em um mundo sem horizontes, sem saber se estaria frente a frente com “uma descrição do mundo”, “um diário secreto da colecionadora” ou “um oráculo” sobre ele mesmo (Calvino, 2010, p. 12). O narrador imagina a colecionadora em uma praia, deleitando a experiência, quando repentinamente é atravessada por uma “inquietação geográfica”, uma incerteza, uma ânsia que a impele ao gesto

“compulsivo de inclinar-se para recolher um pouco de areia e encher um saquinho (ou um recipiente de plástico? ou uma garrafa de coca-cola?) e depois dar meia-volta e ir embora” (Calvino, 2010, p. 12).

Obstinado em tentar compreender os procedimentos mentais implicados no ato de cultivar uma coleção, o narrador afirma que toda coleção é também um diário, e que guarda dentro de si histórias de viagens, de sentimentos, de estados de ânimo, de humores. Observando essa coleção-diário, é possível sentir a “obscura agitação” (Calvino, 2010, p. 12) que anima o ato de reunir e manter as areias juntas. É justamente aí que está o fascínio de uma coleção, que ao mesmo tempo revela e esconde o “impulso secreto que levou a criá-la” (Calvino, 2010, p. 12).

Ainda que, ao observar as areias, o narrador recorra ao próprio repertório para refazer de memórias as sensações de praias, sol, vento, frio, cheiro de floresta, ao se afastar das ampolas o que vê é um “cemitério de paisagens reduzidas a deserto” (Calvino, 2010, p. 15). Nesse movimento de afastamento, o narrador finalmente encontra aquilo que subjaz o impulso que gera a coleção: é uma necessidade de “transformar o escorrer da própria existência numa série de objetos salvos da dispersão, ou numa série de linhas escritas, cristalizadas fora do fluxo contínuo dos pensamentos” (Calvino, 2010, p. 12). Ao se distanciar do “vento confuso do vivido”, a colecionadora tem para si “a substância arenosa de todas as coisas”, podendo, enfim, “tocar a estrutura siliciosa da existência” (Calvino, 2010, p. 15): “talvez fixando a areia como areia, as palavras como palavras, possamos chegar perto de entender como e em que medida o mundo triturado e erodido ainda possa encontrar nelas fundamento e modelo” (Calvino, 2010, p. 16).

A captura pelo excepcional, a atenção deliciosa às fascinantes mínimas diferenças que brotam da aparente homogeneidade, a construção de uma descrição do mundo que é ao mesmo tempo um diário secreto de quem fez a coleção/pesquisa e um oráculo sobre quem está

entrando em contato com este feito, a inquietude geográfica que impulsiona o gesto compulsivo de inclinar-se para recolher, o impulso secreto que leva a transformar o escorrer da própria existência, a necessidade de se distanciar do vento confuso do vivido para encontrar fundamento. Esse conto-ensaio de Calvino (2010) é a descrição mais precisa e mais poética do que é o ato de pesquisar que eu já conheci.

EXPANDINDO E DIGITALIZANDO O CADERNO DE CAMPO

Apesar de gostar do ato de colecionar desde criança, eu nunca consegui manter um diário. Tive vários, até escrevia uma coisa ou outra, mas nunca consegui manter um com constância e consistência. Quando digo nunca, é nunca mesmo, nem durante minha pós-graduação e nos trabalhos de campo que realizei. Escrevo isso de forma hesitante, com um tanto de culpa e um tanto de alívio também. Durante minhas etnografias, eu bem que tentei manter um diário daqueles em que se descreve absolutamente tudo que se passou no campo, as observações, os sentimentos, os pensamentos, dia após dia, todos os dias. Impossível. Depois de muito tempo me sentindo uma impostora, comecei aos poucos a aprender a gostar daquilo que eu estava produzindo: uma coleção heterogênea (leia-se caótica) composta por algumas descrições estilo diário, mas também por outras tantas coisas, como notas rápidas, listas de links, fotografias, desenhos, vídeos, poemas, áudios de *WhatsApp*.

Em português os termos “diário de campo” e “caderno de campo” são muitas vezes utilizados como sinônimos, mas definir o que eles são exatamente não é uma tarefa simples e direta. O que podemos afirmar é que essa ferramenta de pesquisa serve como “espaço de junção dos materiais etnográficos” e que “seu uso consciente e sistemático contribui para que a observação participante seja de fato útil a uma pesquisa qualitativa” (Cachado, 2021, p. 552). Ou seja, os diários/cadernos de campo estão intimamente ligados à etnografia, que por sua vez tem como um dos métodos clássicos de produção de dados a observa-

ção participante. Mas o que são de fato “materiais etnográficos”? É o que acontece somente durante o trabalho de campo? E quando o trabalho de campo é multissituado? Ou online? E sobre a “observação participante”, o que acontece com os dados produzidos a partir deste método quando se considera a situacionalidade dos corpos durante o trabalho de campo (Damásio, 2022, p. 6)?

Minha formação na graduação foi bem, digamos, clássica. Seja nomeado de caderno ou diário de campo, o que aprendi a produzir era algo bem mais próximo do diário íntimo, baseado em descrições e elaborações escritas à mão em um caderno físico, e esse material produzido era o “ouro” da pesquisa, a partir de onde quase exclusivamente a etnografia emergiria após a organização e a análise. Muitas vezes, nessa visão clássica e bem disciplinar da antropologia, o diário de campo é evocado como um espaço que contém uma visão mais correta da realidade, em um patamar acima das reflexões etnográficas que foram publicadas (Cachado, 2021, p. 554). Ao mesmo tempo, as formas de elaboração desse diário são algo tomado como um dado pronto, e o modo como foi elaborado é omitido, o que prejudica o entendimento das condições de pesquisa que foram base para a etnografia (Cachado, 2021, p. 555).

Já faz algum tempo que venho ministrando oficinas de construção de caderno de campo hyperlinkado em algumas universidades e eventos acadêmicos, acompanhada de companheiras que compartilham comigo esta inquietação.¹⁰ Apesar da grande procura e interesse por essas oficinas, não é incomum ver olhares surpresos, ou até mesmo desconfiados, de colegas quando comento que não faço diários escritos. Já no final da década de 1990, quando os primeiros computadores pessoais começaram a se tornar uma realidade no cotidiano de quem pesquisava, o antropólogo José Guilherme Cantor Magnani, que foi meu professor na graduação, saiu em defesa do caderno. Parafraseando Lévi-Strauss, Magnani (1997, p. 9) diz que escrever em um caderno fí-

10 Em especial Camila Cavalheiro, Érico Perrella e Fernanda Mariath.

sico “é bom para pensar” porque “permite retomar a especificidade do próprio *métier* do etnógrafo”.

Expandir a possibilidade de criar registros e análises é também uma chance que temos de nos abirmos para outras formas de pensamento e, quem sabe, até mesmo ampliar as potências de uma etnografia (e de quem produz uma). Essa é uma demanda que emerge no bojo de mudanças importantes na própria constituição do corpo dos discentes e docentes universitários, com as políticas públicas de entrada e permanência na universidade de grupos historicamente marginalizados, que traz consigo o exercício de novas epistemologias, feministas, *queers*, negras etc.

Por outro lado, experimentações etnográficas mais próximas do campo das formas expressivas apontam para a importância de outras grafias além da escrita, com propostas como a dos diários gráficos, que incorporam desenhos “esboços, rabiscos, garranchos, rascunhos” (Azevedo, 2016, p. 116). Nessas propostas, outras formas de expressão não são apêndices ilustrativos, mas sim são formas legítimas e autossuficientes de observação, registro e reflexão, ainda que haja um grande abismo de valoração entre a publicação de um artigo escrito em comparação com a publicação de elaborações etnográficas cujo suporte seja em outras grafias (Azevedo, 2016, p. 102).

Nesse movimento de expansão, sigo junto com a proposta de Calvino (2010) de que toda coleção é também um diário. Coleção, diário ou caderno, o que proponho é, para usar um termo corrente do meu campo de pesquisa, simetrizar o diário pessoal e reflexivo com os outros materiais que produzimos durante nossa pesquisa. Este entendimento de caderno de campo como junção de materiais descritivos e reflexivos produzidos diretamente no campo com outros resultados do trabalho de quem pesquisa, apesar de minoritário, é algo praticado dentro da etnografia (Cachado, 2021, p. 559). O que pretendo demonstrar é que a digitalização do caderno de campo abre espaço

criativo para que possamos criar estruturas de organização e análise que de fato desfaçam a hierarquia do diário tradicional e que possibilitem que este tipo de dado conviva mais de perto com outros tipos de produção.

PROJETANDO ESTRUTURAS DE ORGANIZAÇÃO DE DADOS DIGITAIS

O principal objetivo de uma estrutura de organização de dados, digitais ou não, é a indexação, ou seja, criar categorizações que permitam guardar, recuperar, manusear e analisar nossos dados de pesquisa. Esse sempre foi um problema para dados produzidos em etnografias mesmo antes de tecnologias digitais, tornando-se uma questão mais complexa a partir das transformações vividas na antropologia, como por exemplo os trabalhos de campo multissituados ou as análises que se baseiam na atenção à interseccionalidade das categoriais (Cachado, 2021, p. 561). Uma organização digital não resolve a dificuldade de indexação, mas sim abre espaço para uma maior experimentação com “as possibilidades de cruzamento analítico entre situações e entre categorias” (Cachado, 2021, p. 561). O exercício de indexar o caderno de campo, entendido como um conjunto amplo de dados que produzimos ao longo de nossas pesquisas, é uma forma de habitar nossa coleção. Criar categorias, atribuir a cada item que compõe nossa coleção, observar como esses itens se arranjam em torno das categorias, corrigir o que falta e o que está em excesso, ir aos poucos construindo nosso próprio tesouro,¹¹ e eventualmente mudar tudo de lugar. Independentemente de ser físico ou digital, esse processo criativo, que faz parte do trabalho acadêmico, é sempre um processo artesanal.

Voltando à minha história de pequena, da minha coleção, fui encontrando novas vizinhanças para as minhas pedrinhas até que cresci,

11 Uma lista de palavras com significados semelhantes, dentro de um domínio específico de conhecimento. Saiba mais em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Tesouro>. Acesso em: 10 jan. 2025.

e elas foram embora. Na verdade, eu não consigo me lembrar o que aconteceu com a minha coleção de pedras. É como se elas tivessem simplesmente evaporado. Nunca mais soube do paradeiro da coleção mas agora, grande, fazendo pesquisa me reencontrei com o que ela me ensinou: que criar uma coleção/diário é um processo experimental (ao mesmo tempo intencional e acidental), em constante desenvolvimento, afetuoso e capaz de gerar surpresas mútuas.

Manter um caderno de campo digital e projetar uma estrutura de organização dos dados ali guardados é uma tarefa experimental porque, apesar de tudo, o caderno e o modo como vamos nos relacionar com ele ainda é algo muito pessoal. Ainda que nas próximas páginas eu apresente alguns caminhos possíveis para iniciar essa experimentação, não existe fórmula pronta. O que funciona para mim certamente não é o que vai funcionar para você. Até porque os materiais resultantes de cada pesquisa são muito heterogêneos. O modo como cada pessoa habitará seu caderno de campo digital é único, e por isso mesmo as estruturas de organização são instáveis, já que nós mesmos também somos. Por isso, esse é um processo que está em constante desenvolvimento. Como a organização de um armário, com o tempo e a prática podemos chegar em um arranjo que seja confortável para quem acesse esses armários (ou coleções, ou cadernos de campo), e aos poucos vai ficando cada vez mais fácil arrumar quando está bagunçado, pois já sabemos o lugar de cada coisa. Nossa organização deve ser maleável o suficiente para se adaptar a novas situações, sem significar que teremos que começar tudo do zero de novo.

Então, se você está lendo tudo isso e pensando naquele monte de arquivos com nomes exóticos (agoravaimosmo_deverdade_últimarevisão_ok_ok.docx) espalhados em vários HDs e nas três contas diferentes que você tem no *Google Drive*, naquelas fotos que estão no *Instagram*, ou naquela entrevista que você fez e acha que deve estar em alguma conta do *Dropbox*, enfim, se você está pensando no tamanho do trabalho que vai ter para organizar tudo isso e sentindo aquela

justa preguiça e aquela sensação de “por onde eu começo?!” , pois saiba que não tem caminho fácil mesmo. Por isso, a estrutura de organização que você for experimentar criar tem que ser, antes de tudo, uma tarefa afetuosa, cheia de paciência e insistência. Se o ato de organizar os dados de pesquisa se tornar algo maçante e chato, a gente certamente vai abrir mão disso. Se tomar muito tempo de nossas vidas, também. Ver essa tarefa como algo que vai demorar, talvez a vida toda, e não se assustar com a dimensão do trabalho pode ser um caminho para desenvolver uma afeição por ela, e começar a gostar de “perder tempo” com isso.

Por último, uma estrutura de organização de dados é afetuosa no sentido de ser capaz de gerar surpresas mútuas, afetando tanto quem está criando a coleção quanto a coleção em si mesma. Para mim, essa é a coisa mais incrível de criar e manter um caderno de campo digital, é a chance que eu tenho de manusear minha coleção e ser surpreendida pelo meu próprio passado. Muitas vezes eu abro meu caderno de campo e fico ali, procurando sem saber o que. Que nem abrir a geladeira e ficar ali, pensando, sem saber exatamente se está com fome ou não. Um caderno físico propicia isso também, em especial se forem notas físicas organizadas em fichários, mas com um caderno digital é possível cruzar um maior número de categorias ou visualizar e navegar entre as redes de relação que as notas possuem entre si. E nessas de procurar sem saber o que, a gente acaba achando muita coisa.

Depois dessa série de avisos importantes sobre o que esperar de uma estrutura de organização de dados digitais, é hora de partir para o que interessa mesmo. E aí, por onde começar? Minha sugestão é concentrar a atenção em dois pontos, que podem ser desenvolvidos simultaneamente: a escolha de um bom software de notas e a modelagem da estrutura de organização, ou seja, a criação de um padrão de metadados que irá descrever o conteúdo de nossas coleções.

ESCOLHA DE UM BOM SOFTWARE DE NOTAS

Na elaboração de dados etnográficos, uma nota é comumente entendida como uma anotação rápida, que depois será revisada para a escrita do diário (Cachado, 2021, p. 559). Porém, para a proposta de construção de um caderno de campo digital, entenderemos nota como toda entrada em nossa coleção, ou seja, um fichamento, um PDF, uma página de nosso diário, uma fotografia, um link da internet, cada elemento é uma nota. Portanto, a primeira coisa que precisamos é encontrar um bom software de notas. Um “bom” software de notas é aquele que: (i) conseguimos usar com regularidade, (ii) atende nossas necessidades e (iii) fornece um ambiente seguro.

Já mencionei alguns softwares de análise quantitativa, como o *Atlas.ti* e o *Nvivo*. Não é exatamente esse tipo de software que estamos buscando, pois eles foram desenhados com o objetivo de facilitar a análise de documentos heterogêneos a partir da atribuição de categorias e comparação entre elas. Mas, de qualquer modo, é possível que alguém prefira utilizá-los para criar e manter um caderno de campo, por isso recomendo que, de qualquer modo, baixem e testem, pois inclusive podem ser utilizados em paralelo com outros softwares. O que estamos buscando são softwares de notas, desenhados para a criação e recuperação de notas através de sistemas de indexação. Alguns dos softwares mais utilizados com esta finalidade são: *Evernote*,¹² *Notion*,¹³ *Google Keep*¹⁴ e *Obsidian*.¹⁵ Minha escolha, até o momento, é trabalhar no *Obsidian*, e falarei com mais detalhes como eu utilizo este software na próxima seção.

Minha recomendação é a mesma do caso dos softwares de análise qualitativa: utilize todos eles antes de decidir qual você vai utilizar. Na internet, é possível encontrar tabelas comparativas entre

12 Disponível em: <https://evernote.com/pt-br>. Acesso em: 10 jan. 2025.

13 Disponível em: <https://evernote.com/pt-br>. Acesso em: 10 jan. 2025.

14 Disponível em: <https://keep.google.com/>. Acesso em: 10 jan. 2025.

15 Disponível em: <https://obsidian.md>. Acesso em: 10 jan. 2025.

softwares de notas.¹⁶ Dos que citei anteriormente, todos são gratuitos e, com exceção do *Google Keep*, possuem versões *premium* pagas. Somente o *Obsidian* possui código aberto e salva os arquivos diretamente no seu computador, e não em uma nuvem proprietária (caso de todos os outros). Todos os softwares possuem versão online, mas no caso do *Obsidian* este recurso é pago (você pode pagar para publicar seu acervo online em formato de site também, mas é possível fazer isso gratuitamente).

Para mim, ser de código aberto e salvar meus arquivos no meu próprio HD foram as principais características que me fizeram optar pelo *Obsidian*. Não poder acessar online pode ser uma característica ruim, mas para um caderno de campo digital é interessante manter tudo concentrado em um só lugar. Isso traz uma preocupação que os outros softwares não tem: uma atenção redobrada aos *backups*. É importante criar uma rotina de copiar os arquivos que estão no computador para pelo menos dois outros HDs (ou um HD e um pendrive), para garantir que o acervo esteja salvaguardado. Isso traz custos a mais, mas permite que a posse de nossos trabalhos esteja conosco.

Além disso, por ser um software de código aberto, o *Obsidian* tem uma comunidade ativa de usuários e uma grande comunidade de desenvolvedores, que criam uma infinidade de *plugins*. Alguns são realmente úteis para quem pesquisa, como por exemplo um *plugin* que cria “*timestamps*” em arquivos de vídeo e áudio, ou seja, cria hiperlinks que direcionam para uma minutagem específica do arquivo, permitindo fazer um “fichamento” do arquivo de uma forma simples e fluída. O software também é altamente customizável, e conta com um fórum bastante ativo para dúvidas ou sugestões.

16 Saiba mais em: https://en.wikipedia.org/wiki/Comparison_of_note-taking_software. Acesso em: 10 jan. 2025.

MODELAGEM DA ESTRUTURA DE ORGANIZAÇÃO

A “organização do conhecimento” é uma área interdisciplinar relacionada com campos como a ciência da informação e a biblioteconomia.¹⁷ Ou seja, é toda uma disciplina complexa, em desenvolvimento, e cheia de jargões, tensões e disputas como qualquer outra disciplina. A aproximação que faço aqui com a organização do conhecimento é bem pragmática, buscando modelos de organização do conhecimento para poder criar o meu próprio. Essa é a primeira advertência: nenhum modelo será perfeito. Os modelos são inspirações para que se possa desenvolver a própria lógica de indexação. Como estamos em busca de criar um sistema que funcione a nível pessoal (ou no máximo para um laboratório ou grupo de pesquisa, por exemplo), temos necessidades muito diferentes de uma biblioteca, ou de algum centro de informação que precise de muito rigor nas práticas de indexação.

Após algum tempo me aproximando da área de organização do conhecimento, os trabalhos sobre gestão de metadados foram os que mais me foram úteis. Isso porque para que nossa estrutura de organização funcione, para cada nota (dado) que criamos temos que inserir algumas outras informações sobre ela (metadados). Para quem quiser se aprofundar nesse tema, recomendo a leitura do livro *Metadata for Information Management and Retrieval* de David Haynes (2018). Nesse livro, o autor apresenta detalhadamente alguns modelos de gestão de metadados, como por exemplo: a Linguagem de modelagem unificada (UML),¹⁸ utilizada para sistemas complexos de softwares, como bancos de dados; a *Dublin Core Metadata Initiative*,¹⁹ cuja finalidade é criar padrões para maior acurácia na recuperação de dados online; e o ISO 15489-1:2016,²⁰ que define normas para a gestão de do-

17 Saiba mais em: https://en.wikipedia.org/wiki/Knowledge_organization. Acesso em: 10 jan. 2025.

18 Saiba mais em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/UML>. Acesso em: 10 jan. 2025.

19 Saiba mais em: https://en.wikipedia.org/wiki/Dublin_Core. Acesso em: 10 jan. 2025.

20 Saiba mais em: <https://www.iso.org/standard/62542.html>. Acesso em: 10 jan. 2025.

cumentos de uma forma mais ampla. É esse último que apresentarei mais detalhadamente (Haynes, 2018, p. 114).

Para começar a modelar nossa estrutura de organização, vamos conhecer o que é uma entidade e como descrevê-la, a saber, através de seis atributos: identidade, descrição, uso, plano de eventos, histórico de eventos e relações.

ENTIDADES

Na área de gestão de metadados, cada entrada é chamada de “entidade” (*entity*). Especificamente no caso do modelo em questão (ISO 15489-1:2016), uma entidade refere-se a uma unidade relevante para a criação, captura ou gerenciamento de registros, podendo ser, por exemplo: uma pessoa (uma pesquisadora, uma interlocutora etc.), uma organização (uma universidade, um laboratório, uma associação, o lugar onde se faz o trabalho de campo etc.), um evento (uma reunião, um encontro, uma mesa redonda etc.), um objeto (um documento, uma entrevista, um diário pessoal, um artigo, um livro, um site, uma fotografia etc.), um conceito ou ideia (multiespécies, interseccionalidade, posicionalidade etc.). O objetivo de definir uma entidade é garantir que todos os registros que criarmos estejam associados à unidade apropriada para a recuperação e análise.

Vamos a um exemplo fictício prático:

Durante a pesquisa para o doutorado, realizei uma entrevista online com minha interlocutora X. No meu software de notas, coloquei: **(a)** o arquivo de vídeo gerado pelo software que usamos para fazer a entrevista e **(b)** um arquivo de áudio que gravei de *backup* com meu gravador. Além disso, criei as seguintes notas: **(c)** uma nota contendo a transcrição da entrevista, que fiz utilizando o arquivo de áudio em um software de transcrição; **(d)** uma análise da entrevista.

Eu já tinha **(e)** uma nota sobre a interlocutora X, uma espécie de ficha com informações relevantes.

A interlocutora X é uma poetisa, e no meu caderno tenho **(f)** um livro de sua autoria em PDF, e **(g)** uma nota com o fichamento desse livro.

Nossa conversa foi sobre a posicionalidade da escritora em suas obras, e eu já tinha **(h)** uma nota com anotações sobre o conceito de posicionalidade. Além disso, estou escrevendo um artigo sobre posicionalidade utilizando o fichamento como base, e tenho **(i)** uma nota com o rascunho do artigo.

Neste caso, quais são minhas **entidades**?

A **interlocutora X** (pessoa), a **entrevista** (objeto), o **livro** (objeto), a **posicionalidade** (conceito) e o **artigo** (objeto) são as entidades.

As entidades são objetos centrais em torno do qual giram outros elementos:

- Os arquivos **a (vídeo)** e **b (áudio)** e as notas **c (transcrição)** e **d (análise)** são diferentes expressões ou artefatos da entidade **entrevista**;
- A nota **e (ficha)** é uma expressão ou artefato da entidade **interlocutora X**;
- A nota **g (fichamento)** é uma expressão ou artefato da entidade **livro (f)**;
- A nota **h (anotações)** é uma expressão ou artefato da entidade conceito de **posicionalidade**;
- A nota **i (rascunho)** é uma expressão ou artefato da entidade **artigo**.

Como é possível observar, as entidades podem se relacionar entre si, em arranjos muitas vezes ambíguos. Por exemplo, o livro é uma entidade, mas também pode ser entendido como um artefato relacionado

com a interlocutora X, já que esta é sua autora. O livro também pode ser uma expressão relacionada com o conceito de posicionalidade, já que discorre sobre o assunto. Os metadados presentes na descrição das entidades permitirão uma melhor compreensão das relações entre as entidades e os outros elementos relacionados a elas.

DESCRIÇÃO

A descrição é onde adicionaremos os metadados, ou seja, é a estrutura de nossa organização. O que a descrição contém varia de acordo com o modelo que se está seguindo. No nosso caso, o modelo ISO 15489-1:2016 propõe a seguinte estrutura:

(i) Identidade – informação que permite identificar a entidade;

Contém informações como, por exemplo, título, identificador (número), data de criação, autoria etc. Exemplos:

(a) o arquivo de vídeo gerado pelo software que usamos para fazer a entrevista

título: Entrevista com interlocutora X

identificador: entrevista 4

data de criação: 29/03/23

autoria: Clarissa, através do *Google Meet*

(g) uma nota com o fichamento do livro da interlocutora X

título: Poesia e posicionalidade

data de criação: 15/10/22

autoria: Clarissa

(ii) Descrição – informação para determinar a natureza da entidade;

Pode conter frases curtas ou palavras-chave descritivas, como, por exemplo, tipo da nota ou arquivo, formato do arquivo, tema etc. Exemplos:

(a) o arquivo de vídeo gerado pelo software que usamos para fazer a entrevista

tipo: entrevista

formato: vídeo

duração: 50 minutos

entrevistada: interlocutora X

tema: poesia, posicionalidade

(g) uma nota com o fichamento do livro da interlocutora X

tipo: fichamento

obra: Poesia e posicionalidade

autora: interlocutora X

tema: poesia, posicionalidade

(iii) Utilização – informação que facilita a utilização imediata e a longo prazo da entidade;

Pode conter frases curtas ou palavras-chave que ajudem a apreender o contexto de utilização. Exemplos:

(a) o arquivo de vídeo gerado pelo software que usamos para fazer a entrevista

uso: doutorado

(g) uma nota com o fichamento do livro da interlocutora X

uso: doutorado, produção de artigo sobre posicionalidade

(iv) Plano de eventos – informações utilizadas para gerir a entidade, tais como informações sobre disposição;

Pode conter frases curtas ou palavras-chave como, por exemplo, objetivos, linha do tempo, datas de entrega, checklist etc. Exemplos:

(a) o arquivo de vídeo gerado pelo software que usamos para fazer a entrevista

atividade: tabelar entrevista

prazo: 30/07/2024

status: em processo

(g) uma nota com o fichamento do livro da interlocutora X

atividade: integrar na escrita do artigo para revista Y

prazo: 10/09/2024

status: para fazer

(v) Histórico de eventos – informação que registra eventos passados tanto na entidade como nos seus metadados;

Documentar o que aconteceu, quem participou, resultados, lições aprendidas ou desvios do plano original. Exemplos:

(a) o arquivo de vídeo gerado pelo software que usamos para fazer a entrevista

atividades realizadas: transcrição do áudio, análise

(g) uma nota com o fichamento do livro da interlocutora X

capítulos fichados: 2, 4 e 8

(vi) Relação – informação que descreve a relação entre a entidade e outras entidades ou elementos.

Pode conter frases curtas ou palavras-chave que indiquem as relações. Exemplos:

(a) o arquivo de vídeo gerado pelo software que usamos para fazer a entrevista

relações: interlocutora X, posicionalidade

(g) uma nota com o fichamento do livro da interlocutora X.

relações: interlocutora X, livro, posicionalidade

É importante reforçar que estes seis parâmetros de descrição são uma sugestão para o desenvolvimento de uma estrutura de organização do caderno de campo. O que cada parâmetro contém pode variar de acordo com o tipo de entidade. Somente a prática, as experimentações e a constante revisão podem ajudar a criar um conjunto fixo de metadados e de vocabulário que serão utilizados. O modo como esses metadados virarão indexadores também varia de acordo com as opções dos softwares. A seguir, irei mostrar como utilizo esses metadados nos princípios de organização que o *Obsidian* oferece.

CONSTRUINDO UM CADERNO DE CAMPO HIPERLINKADO USANDO O SOFTWARE *OBSIDIAN*

Minha intenção não é ensinar a mexer no *Obsidian*. Para isso, existe uma série de bons tutoriais no *YouTube*, inclusive em português, e o fórum da comunidade de usuários do *Obsidian* também é um ótimo lugar para tirar dúvidas. E, como em qualquer outro caso, aprender a mexer de fato em um software novo requer paciência e insistência. Meu objetivo é demonstrar como é possível indexar o caderno de campo utilizando os metadados descritos na seção anterior e os princípios de organização que o *Obsidian* oferece, a saber, o uso de *tags*, hiperlinks internos e pastas.

As *tags* são palavras-chave atribuídas à uma informação. No nosso caso, podem ser atribuídas às notas em si (como metadados), ou a partes específicas da nota (como, por exemplo, atribuindo uma palavra-chave para uma parte específica da entrevista). Ao clicar em uma palavra-chave, é possível visualizar uma lista com todas as notas e arquivos que estão atribuídos a ela. Para atribuir uma palavra-chave, usamos o símbolo “#”, seguido pela palavra, como “#produções”. É possível criar uma hierarquia usando o símbolo “/”, com uma *tag* mãe contendo *tags* filhas, como, por exemplo: “#produções/artigos”, “#produções/resenhas”, “produções/audiovisuais/fotografias”.

Os hiperlinks internos organizam os dados no formato de *wiki*, isto é, permitindo uma navegação entre as notas, resultando em algo parecido como navegar pela *Wikipedia*. Para atribuir um hiperlink interno, usa-se a seguinte sintaxe: `[[nome da nota]]`, ou `[[nome do arquivo.extensão]]`. Os hiperlinks são unidirecionais, o que significa que se a nota **A** tiver um link para a nota **B**, não aparecerá nada na nota **B**. Mas é possível ativar uma opção chamada “*backlinks*” que mostra no final da nota todas as outras notas que estão referenciando ela.

As pastas funcionam como as pastas do nosso computador. Na verdade, a visualização das pastas e arquivos no *Obsidian* é similar à visualização que temos quando abrimos o gestor de arquivos do nosso computador, já que de fato as pastas e arquivos existem em uma parte do HD. A organização em pastas é chamada de “árvore”, uma vez que é possível criar ramificações – pastas dentro de pastas. Essa organização não serve para uma estrutura de organização baseada nos metadados, mas pode ser interessante para organizar coleções maiores. Eu utilizo as pastas com duas principais finalidades: separar grandes projetos (por exemplo, uma pasta para a pesquisa de mestrado, outra para a pesquisa de doutorado), o que é interessante pois permite abrir uma pasta específica e trabalhar isoladamente naquele projeto; e para organizar arquivos (PDFs, imagens, vídeos etc.) e seus metadados.

Nas oficinas que realizei sobre caderno de campo hiperlinkado, uma das principais dificuldades na criação e manutenção de um caderno de campo utilizando o *Obsidian* é decidir entre o que é uma *tag* e o que é um hiperlink interno. Normalmente, eu utilizo a *tag* como ferramenta de busca ou de categorização para análise, algo como uma gambiarra para usar o *Obsidian* como um software de análise qualitativa. Um exemplo: se eu estiver analisando uma entrevista, posso criar uma hierarquia de *tags* e ir adicionando nos trechos que achar necessário, como “#análise/poesia”, “#análise/posicionalidade”, assim quando eu clicar em alguma dessas *tags*, posso ver tudo que considere importante para análise sobre poesia ou posicionalidade, em todos os materiais que estou trabalhando. Os hiperlinks internos eu uso para

ligar notas, ou seja, entidades e suas expressões, coisas que tenham conteúdo. A seguir, você encontra um exemplo do uso dos metadados já separados em *tags* e hiperlinks:

Quadro 1 – Exemplo do uso dos metadados com tags e hiperlinks

(a) o arquivo de vídeo gerado pelo software que usamos para fazer a entrevista²¹ título: Entrevista com interlocutora X data de criação: 29/03/23 identificador: entrevista 4 autoria: Clarissa, através do <i>Google Meet</i> tipo: #entrevista formato: #vídeo duração: 50 minutos entrevistada: [[interlocutora X]] tema: #poesia, #posicionalidade uso: [[doutorado]] atividade: tabellar entrevista prazo: 30/07/2024 status: #status/em_processo atividades realizadas: [[transcrição]] do [[áudio]], [[análise]] Relações: [[interlocutora X]], [[posicionalidade]]	(g) uma nota com o fichamento do livro da interlocutora X. título: Poesia e posicionalidade data de criação: 15/10/22 autoria: Clarissa tipo: #fichamento obra: [[Poesia e posicionalidade]] autora: [[interlocutora X]] tema: #poesia, #posicionalidade uso: #doutorado, #produção/artigos/posicionalidade atividade: integrar na escrita do [[artigo para revista Y]] prazo: 10/09/2024 status: #status/para_fazer capítulos fichados: 2, 4 e 8 Relações: [[interlocutora X]], [[livro]], [[posicionalidade]]
--	--

No caso supracitado, posicionalidade é tanto uma *tag* quanto um hiperlink. Isso porque esta entidade é um conceito, e para minha estrutura de organização é importante poder usar essa categoria como buscador (*tag*), mas também é importante manter uma nota com rascunhos e ideias sobre esse conceito (nota com hiperlinks).

21 É importante destacar que atualmente (janeiro de 2025) o *Obsidian* não permite adicionar metadados diretamente em arquivos, então a solução é criar uma nota vinculada ao arquivo para adicionar metadados.

O *Obsidian* também disponibiliza algumas funções que ajudam a organizar os metadados nas notas, como os *templates*, que criam modelos que você pode importar para uma nota nova, ou as propriedades, que são campos tabelados que ficam sempre no topo da nota, podendo ser texto, data, horário, *tags* etc.

Para mim, além dos muitos *plugins* super úteis (e alguns inúteis mas divertidos, como um que mostra uma nota aleatória), a coisa mais legal do *Obsidian* é a visualização em grafo, mostrando a rede de relações da coleção a partir das tags e dos hiperlinks internos, formando *clusters* a partir das relações que se formam. Esse é um jeito muito bonito e especial de ver meu trabalho. Essa é uma ferramenta que pode nos ajudar a descobrir relações que não estavam tão óbvias, tornando o trabalho de pesquisa mais criativo. Mas, às vezes abro o grafo só para passar um tempo com minha pesquisa.

Figura 1 – Captura de tela da visão de grafo do *Obsidian*, do meu caderno de campo da pesquisa do doutorado



Fonte: Arquivo pessoal, gerado pelo *Obsidian*.

Em amarelo estão as *tags* e em rosa estão as notas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na minha mesa de trabalho também tem papel e caneta. Tenho também uma agenda física e um bloquinho de papel que está sempre comigo. Produzi peças gráficas físicas durante meu doutorado. Mas no fim do dia (ou quando dá), tudo vira uma nota no meu caderno. Manter e cultivar esse caderno de campo digital, suas *tags* e hiperlinks, e observar despretensiosamente o grafo bonito é, também e talvez principalmente, quase que um antídoto para a ansiedade e para ver que, apesar daquela vozinha que sempre diz que não, sim, eu fiz bastante coisa, e coisas bem interessantes. É um artesanato digital. Esta ainda é uma prática muito recente para mim e para minhas amigas que também estão construindo coisas parecidas. Mas, como procurei demonstrar neste capítulo, o problema da digitalização e da expansão dos diários-cadernos de campo é um problema interessantíssimo que nos leva para trocas interdisciplinares, mas que também é um problema antropológico, como já aponta Strathern (2014). As dificuldades são muitas, mas as possibilidades são animadoras. Afinal, o que “dá corpo à ciência” é justamente nossa capacidade de encontrar novos caminhos, de “transformar, modificar, recombina, reestruturar, testar a plasticidade dos métodos no campo” (Damásio, 2022, p. 4).

Apesar de ter tratado aqui de cadernos de campo pessoais, cada vez mais venho percebendo a necessidade de cuidar com atenção dos arquivos digitais de projetos acadêmicos coletivos, como laboratórios, redes, grupos de pesquisa etc. A organização e indexação desse material é vital para que nossos projetos coletivos possam ser recuperados, seja por novos integrantes das equipes, seja para a elaboração de artigos e outros resultados de pesquisa, seja para evitar retrabalho. Nesse cenário, tudo que eu trouxe aqui é válido, mas mais um desafio é colocado, o que constrói estruturas de organização dos dados que funcionem coletivamente.

Afinal, essa é a nossa memória, a memória de nossos trabalhos, e isso é muito precioso. Infelizmente hoje, na maior parte dos casos, nosso trabalho está guardado em algum computador de propriedade da *Google*. Estamos presenciando a tomada de poder político das *big techs*, alinhadas cada vez mais à extrema direita e a valores que definitivamente vão na contramão do que desejamos para o mundo e para nós mesmas. São essas mãos que guardam, cuidam e indexam o que nós, com a melhor das intenções, produzimos. Que grande armadilha que nós, como comunidade acadêmica, nos metemos quase que voluntariamente. É chegada a hora de discutirmos a posse de nossos trabalhos.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Aina. Diário de campo e diário gráfico: contribuições do desenho à antropologia. **Revista de Antropologia**, João Pessoa, v. 2, n. 2, p. 100-119, jan./jun. 2016.

CACHADO, Rita. Diário de campo. Um primo diferente na família das ciências sociais. **Sociologia & Antropologia**, v. 11, n. 2, p. 551-572, mai. 2021.

CALVINO, Italo. **Coleção de areia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

DAMÁSIO, Ana Clara. “Agora sei o que você faz, você conta histórias!”: notas etnográficas sobre um Diário de Campo Visual Público, alteridade, colonialidade e posicionalidade. **Cadernos de Campo**, São Paulo, v. 31, n. 2, p. 1-24, 2022.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **A semelhança informe ou o gaio saber visual segundo Georges Bataille**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2015.

HAYNES, David. **Metadata for Information Management and Retrieval**. London: Facet Publishing, 2018.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. O [velho e bom] caderno de campo. **Sexta-Feira**, n. 1, p. 8-11, 1997.

STRATHERN, Ann Marilyn. **O efeito etnográfico e outros ensaios**. São Paulo: Cosac Naify, 2014.